

COMPRA



Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redação: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Literarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA
Officinas d'imprensa e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
4 DE NOVEMBRO DE 1907
NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Coloñias..... 400 »
Brazil (moeda forte)..... 900 »

OS NOSSOS

R. O.

COSTA JUNIOR
Doenças dos Olhos
R. Nova do Almada, 64, 1.º—Da 1 ás 5 da tarde

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clinica Geral—Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA
♦ ♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦ ♦
♦ ♦ ♦ R. S. Vicente á Guis, 22, 1.º ♦ ♦ ♦

ADELAIDE CABETTE
MEDICA
DOENÇAS UTERINAS
R. da Prata, 153, 2.º
Consultas ás 2 da tarde



JANUARIO & MOURAO
Ourivesaria e Joalharia
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A
Compra e vende joias com brilhantes, anti-
guidades, pratas, barras d'ouro e moedas d'ouro
e prata.

Elisa Vargas Pedrosa
ATELIER DE VESTIDOS
R. DA PRATA, 185 - 2.º LISBOA
Especialidade em enxovaes para noivas
LINDAS VARIEDADES EM APPLICAÇÕES
Ultimos figurinos de Paris, Londres e Berlim

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO
DE
LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brindes

GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)

Forjas americanas
De ventoinha, sendo a ultima palavra em sim-
plicidade e economia.
Vel-as e compral-as é obra de um momento.
OS INTERESSADOS QUE SE APRESENTEM
Deposito: R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, D.—Lisboa

O lindo Minho, ridente...
Do Douro, as negras escarpas...
A sua penna fulgente
A oiro, traçou n'As Farpas.



Casa
Chinesa

Antiga loja de

CHÁ E CAFÉ

Chás verdes e pretos

Leques de novidade

Louças e charões

da China e Japão

Lenços de senda da India

O lote mais especial das melhores marcas do

CAFÉ K. 720

JOAQUIM PEREIRA DA CONCEIÇÃO

234, Rua do Ouro, 236

(em frente do Monte-pio Geral)

TELEPHONE N.º 825

JOAQUIM REGO

ARMAZEM POPULAR

N'esta casa ha sempre grande sortimento de fazendas de seda, lã e algodão, setinetas, percales, zephires, pannos crús. Secções de retrozaria, camisaria e luvaria.

CAPAS PARA SENHORAS

Preços sem competencia

154—RUA DA PALMA—156

LISBOA

FLORES PARA CHAPEUS

Coroas, Bouquets, Flores para jarras etc., etc

FABRICA DE FLORES ARTIFICIAES
DA

CASA DE NOVIDADES

145, R. do Ouro, 149—LISBOA

Telephone 1210

Retratos a Crayon a 2:000 réis

Carta a esta Redacção

RECEBEM-SE ENCOMENDAS DA PROVINCIA

JULIO GOMES FERREIRA & C.^A

Fornecedores da Casa Real

82—RUA DA VICTORIA—88

Exposição permanente

166—RUA DO OURO—170

Installações completas para agua, gaz e electricidade.

Grande sortido de lustres em todos os generos.

ARMAZENS DO CONDE BARÃO
A. DOS SANTOS MARTINS

Fazendas - Alfayateria - Modas - Confecções - Camisaria
Gravataria - Retrozeiro - etc.

VER E CRER

Uma enorme Liquidação de Salvados

Completa liquidação de chapéus de chuva, meias, pannos brancos, lenços d'algodão e de seda, etc., etc.

ULTIMAS NOVIDADES—ELEGANCIA E ECONOMIA

Aos Armazens do Conde Barão

Dão-se senhas do Nacional Bonus Commercial

25, Largo do Conde Barão, 26—LISBOA

DEPURATIVO

Antonio Dias Amado

(SEM MERCURIO)

Analysado pelos Drs. Jules Houdas, Chefe dos Laboratorios da Escola Superior de Pharmacia da Universidade de Paris; Girard, Chefe de Laboratorio Municipal de Chimica de Paris, Angelo da Fonseca, Cathedratico de Pathologia Cirurgica da Universidade Real de Coimbra e Charles Lepierre, Chefe dos Laboratorios de Chimica Biologica da mesma universidade; distinguido com as medalhas commemorativas do **Congresso Internacional de Tuberculose**, em sessão de 4 de Outubro de 1905; da **Sociedade de Medicina de Paris**, em sessão de 14 de Outubro de 1905; e da **Academia de Medicina de Paris**, em sessão de 17 de Outubro de 1905, authenticando as curas operadas.

Cura radical da Syphilis em qualquer periodo, da Morphêa, Chagas agudas e chronicas, Eczemas seccos e humidos, Ulceras cancerosas, Affecções do utero, ovarios e systemas gastro-intestinal, Escrofulas, Tuberculose cutanea e ossea e de todas as molestias provenientes da impureza do sangue e da lympha,

 DEPOSITO GERAL
Pharmacia Luzo-Brazileira

LARGO DE S. PAULO, 20, 21, 22 = LISBOA

ALMEIDA CUNHA

Rua Formosa, 333—PORTO



“A Saude é a Vida”



Quereis tel'a?

Usae o *LICOR RADICAL*

DE

H U M B E R T O D I A S

“Centenas de curas o attestam”

O **Licor Radical** é o depurativo por excellencia para a cura da Syphilis, Rheumatismo agudo e gottoso, eczema, nevralgias, affecções chloroticas, enxaquecas, dilatação d'ovarios, inflamações dos olhos, doenças da pelle e todas as doenças em que se recomende um energico purificador do sangue.

Apresentamos provas e
testemunhas insuspeitas.

Exigir sempre a rubrica do au-
tor, afim de evitar as contrafac-
ções prejudiciaes á saude.

Apresentamos provas e
testemunhas insuspeitas.

1 Frasco, 1\$200—7 Frascos, 7\$000

DEPOSITO GERAL

Pharmacia Luzo-Africana

RUA DA PALMA, 55, 1.º—LISBOA

El nos unicos depositarios em Lisboa

AZEVEDO & FILHOS—Praça de D. Pedro, 31, 32

PARA AS PROVINCIAS

Porte e emballagem gratis. Envia-se todos os esclarecimentos pelo correio. Toda a cor-
respondencia deve ser dirigida a

HUMBERTO DIAS—Rua da Palma, 55, 1.º—LISBOA

COMPRA



Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA
Officinas d'impressão e composição
A Liberal — R. de S. Paulo, 218

Segunda-feira
4 DE NOVEMBRO DE 1907
NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura
(Pagamento adelantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colonias..... 400 *
Brazil (moeda forte)..... 900 *



CHÁ E TORRADAS



ue saudades eu tenho da minha infancia.

Como me lembro da lareira, do magusto de castanhas, da carne de porco frita, do pero, da maçã e do marmello assados no forno, petisqueiras obrigadas em dia de Todos os Santos, festa celebrada em familia, não tanto como o Natal, mas inda assim com solemnidade e alegria que nunca mais esquecerei.

Estou a ver meu pae enchendo um cangirão de vinho novo, o primeiro que se bebia, aspirando-lhe o perfume, antegostando o puro balsamo das bellas uvas que tinham sido acalcanhadas, sem dó nem piedade, por meia duzia de labregos com caras patibulares, que todos os annos appareciam, cada vez mais porcos e mais esfarrapados.

E a minha tia avó que não queria as castanhas assadas e resmungava sempre que não lh'as davam cosidas e sabendo a erva doce?!

Coitadita, tinha razão; os dentes haviam-lhe caído muitos annos antes e as gengivas, apesar de endurecidas e callejadas preferiam as castanhas cosidas.

E eu e os meus irmãos n'uma inferneira de roda da pobre velhinha, puxando-lhe pelo nariz, pelas saias, tirando-lhe o chaile, fazendo emfim mil trope-

lias que nunca provocavam um só queixume da parte d'ella, mas davam motivo para varias palmadas, açoitos e cachações que minha santa mãe distribuia com mão prodiga a todos nós.

Que saudades eu tenho de tudo e de todos que já partiram ha muito tempo para a eternidade, onde eu não tardo a ir ter com elles, talvez para continuar como na meninice, a festejar os Santos, o S. Martinho, o Natal, o Anno Bom e a Paschoa.

Aaah!.....
Sentado á minha mesa de trabalho, deixei a penna e encostei a cabeça, que sentia bastante pesada, á mão que me arrefecera.

De repente estremeci; tinha ouvido distinctamente a voz d'um dos companheiros de redacção dizendo:

— Pacifico, tens lido os artigos sobre espiritismo publicados pelo nosso semanario?

— Tenho, respondi eu, mas bem sabes que me custa a dar credito á existencia de espiritos com a faculdade de, por intermedio d'um mortal, dizerem cousas do outro mundo.

— Negas então a grande verdade apresentada e defendida por homens cuja sciencia e seriedade são incontestaveis?

— Não negarei; comtudo... será possível isso?

— Não ha nada impossivel, replicou em tom profundamente serio, o meu interlocutor. Tens sido incredulo, has de acabar mais crente do que todos nós.

— Hum!!!

— Verás. Tu és um *medium* e dos melhores. Na primeira sessão, a que assistires, ficarás convencido. A theoria tão arregaçada entre os povos civilisados de que *alma que vae não volta* não passa de uma falsidade. O espaço está cheio de espiritos que nos vêem e nos ouvem, que sabem o que pensamos, que seguem os nossos movimentos, que não perdem o mais insignificante dos nossos gestos.

O espiritismo é uma verdade e, quando morreres, saberás que não te engano.

— Entretanto... comecei eu com assomos de revolta.

— Não tens que fazer observações quando a realidade é indiscutivel; tu não podes viver muito, estás velho; pouco terás, pois, que esperar para te conveneres de que o involucro carnal se decompõe e desaparece, mas a alma fica no espaço illimitado, onde viverá por toda a eternidade, acompanhando sempre aquelles que não deixaram ainda o pequeno e insignificante planeta em que habitamos.

— Mas...

— Já te disse que o *mas* está deslocado. Não teimes. Não se pode negar aquillo que não conhecemos. Lembra-te sempre que Napoleão I não quiz acreditar que o vapor podesse applicar-se á navegação; que Thiers se riu quando lhe fallaram na invenção dos caminhos de ferro; que em plena Academia franceza accusaram de impostura o invento do phonographo e affirmaram que se tratava d'uma ridicula mystificação d'um ventriloquo. Estás no direito de não acreditar, mas não tens o direito de negar...

Dei um grito.

Tinha adormecido e sonhára. O companheiro de redacção só existia no meu cerebro perturbado. Estava só; o candieiro á mingua de petroleo, não tardaria em apagar-se.

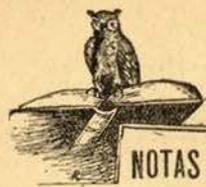
O unico vivente que estava perto de mim era um gato preto, dormindo enroscado sobre uma almofada que encobria os estragos d'um assento de palhinha.

Olhei ao redor de mim e, quasi que tive medo.

O relógio dando pausadamente a meia noite arripiou-me todo.

— Maria, ó Maria! Traz-me depressa o chá e as torradas!

JOÃO PACIFICO.



NOTAS CIENTIFICAS E INDUSTRIAES

CHRONICA

AS SENHORAS VÊSPAS. — Não se trata da véspera comum, d'aquella cuja *cintura* tem sido tanta vez comparada á vossa, gentil leitôra. Não: queremos falar d'uma variedade especial d'estes animaes cujo tórax se encontra unido ao resto do corpo e que n'este momento está ehando a atenção de sabios e industriaes. Porquê? Qual será a razão porque os homens da sciencia e da industria se occupam n'este momento do miseravel insecto? Os factos assombrosos que passámos a narrar, mostrarão a quem nos lêr a causa de tão estranho interesse.

Reconheceu-se ha pouco que as fêmeas d'essa variedade de vésperas armadas d'um ferrão de 19 mm. de comprido, negro e escondido n'uma bainha propria, mas facilmente projectavel, atravessaram as paredes d'um deposito d'acido sulfurico, com a espessura de 43 milímetros, furaram as paredes dos tubos de gaz n'um café e atacaram, perfurando-as, as paredes das camaras de chumbo, na fabrica de Nussdorf. Nas madeiras, compreendese, os efeitos destruidôres do insecto são ainda mais terriveis. Com as duras mandibulas vão cravando nos troncos das arvores galerias tubulares que vão alargando á medida que o animal cresce. Esta manobra dura dois annos e por fim o insecto, roendo a delgada parede que o separa do exterior, abandona a sua escura caverna para gosar uma curta vida de liberdade. N'estas condições, se um tronco atacado pela véspera (estando esta, está claro, ainda no seu trabalho de sápa) fôr utilizado para qualquer construcção, pôde muito facilmente acontecer, apparecer um bello dia e sem ser esperado, o insecto dentro de casa. Nem mesmo as chapas de chumbo recobrando a madeira põem as habitações ao abrigo do temível visitante, pois que a véspera atravessará o metal com inaudita facilidade.

FIGAMOS SEM CARVÃO. — Os modernos barcos de transportes representam verdadeiros sorvedouros onde o carvão desapparece em quantidade enorme, fenomenal. — O nôvo transatlantico alemão «*Kronprinzessin Cecilie*» consome por dia setecentas toneladas de combustivel. O «*Lusitania*», ultimo paquete adquirido pela companhia «*Cunard*», queima durante a travessia de Liverpool a New-York, cinco mil toneladas do precioso minério, e a companhia do Lloyd alemão gastou em 1906 um milhão seiscentas e cincoenta mil toneladas de carvão de

pedra. Esta quantidade é igual á que consome annualmente toda a marinha de guerra inglesa. O carvão empregado nos seus barcos pela mesma companhia, vem todo do pais de Galles e é de primeira qualidade, sendo o preferido por ser o que dá maior numero de calorías em relação ao seu peso.

Se ella se servisse d'um carvão mais barato e por tanto de qualidade inferior, seria necessario, nas devidas proporções, aumentar a capacidade dos paioes e a superficie da grêlha das caldeiras. Apesar d'este carvão ser comprado, como se vê, em quantidades colossaes, o preço regula de quatro mil e quinhentos a cinco mil e quinhentos réis a tonelada, tendo aumentado, ha um anno para cá, mais vinte por cento. Pareceria, á primeira vista, que esta subida no preço do combustivel, forcasse as companhias de navegação a elevarem as tarifas, mas o movimento de passageiros para o *Novo mundo* assim como a terrivel concurrencia entre as diversas emprêzas maritimas transatlanticas, produziram, contrariamente ao que era de prevêr, uma sensivel diminuição nos preços das passagens.

Esta drenagem continua de combustivel ligada ás necessidades sempre crescentes do movimento industrial em todo o mundo, faz com que o pessoal mineiro que passa a melhor parte da sua vida na conquista da hulha, trabalhe, por assim dizer, dia e noite na sua faina subterranea, custando-lhe ainda assim a vencer com o seu improbo labor os pedidos successivos e constantes que lhe chegam de toda a parte. — Quando ficaremos sem carvão de pedra?

EXTINÇÃO D'UM INCENDIO N'UM POÇO DE GAZ NATURAL. — Como se desencadeasse uma horrorosa tempestade em Vanderpool (Estado de Texas), aconteceu que um raio penetrando n'um poço de gaz natural que ainda estava em trabalhos de perforação, mas cuja profundidade atingia já 457 metros, inflamasse o gaz, produzindo chamas que se elevaram a 45 metros de altura. Forçoso se tornou extinguir o incendio; para o conseguir imaginou-se dirigir sobre elle jactos de vapor á pressão de 8 k. fornecido por nove caldeiras.

Foi tudo em vão, o flajêlo proseguia. Porfim resolveu-se aplicar ao tubo de perforação do poço um cone de ferro fundido munido no vertice d'um obturador que permitisse, depois de convenientemente colocado, vedar a saída das chamas. Dez segundos depois de fechado o obturador o incendio estava extinto.

ARIOSTO PALMANDO.

A nossa pagina musical

Vem hoje publicado um interessante fado da Ex.^{ma} Sr.^a D. Helena Rolin Geraldês Barba.

Senhora de rara virtude, modelo das mães extremosas, esposa dedicadissima do illustre e conhecido clinico Geraldês

Barba, quiz fazer nos merecedores da honra e gentileza da inserção do seu bello trecho musical, na respectiva pagina do *Azulejos*.

Oxalá que este grande exemplo frutifique e dentro de breve prazo tenhamos ensejo de publicar novas composições d'esta e d'outras gentis damas.

Aqui fica publicamente exarado o nosso reconhecimento para com a illustre auctora.

ESPIRITISMO

A conversão de Eugenio Nus ao Espiritismo

Um dia, no momento em que nos dispunhamos a repetir as experiencias, entrou um amigo, o Dr. Arthur de Bonnard.

— Toma! disse elle, tambem se occupam com a dança das mezas...

— Você conhece isto, doutor?

— Se conheço!... Em casa não fazemos outra coisa. Temos até um Espirito, um tal Jopidiés, que nos diverte muito os pequenos.

— Um Espirito!

— Pois porque não? Não sabem que as mezas não se limitam a dançar, que falam, e que são os Espiritos que se servem d'esse meio ao alcance das familias para virem conversar connosco?

— Isso não é possível!

— Experimentem uma conversação com a meza, e já verão.

— Mas como?

— Nada mais facil.

E o doutor ensinou-nos o processo.

— Queres conversar? perguntámos ao velador.

Dois pancadas soaram, o que quer dizer: sim.

— Perguntem-lhe o seu nome, disse Bonnard. E' bom saber-se com quem se fala.

O velador, letra após letra, respondeu: *Pythagoras*.

— Bravo, exclamou Bonnard, vocês tem excellentes conhecimentos! *Pythagoras*, logo á primeira entrada, e com o seu nome em grego...

Já não me recordo do que nos disse *Pythagoras*, nem das palavras ou dictados de todas as personagens celebres ou obscuras que, durante três ou quatro mezes, nos fizeram a honra de conversar connosco. Nada escrevemos dos nossos colloquios com a meza n'esse primeiro periodo das nossas experiencias. Mas não foi sempre assim.

Meio scepticos meio crédulos, seguimos com curiosidade e um tanto passivamente as fantasias do fenomeno, ora elevado, ora emocionante; umas vezes divertido, outras insignificante e nullo, conforme o caracter da personalidade que se nos vinha manifestar.

Não estavamos sufficientemente seguros da identidade dos visitantes nem da realidade das visitas para ousarmos in-

vocar quaesquer mortos illustres ou pessoas queridas. Ter-se-nos-ia afigurado isso uma profanação, quasi um sacrilegio. Mas, familiarisados pouco a pouco com a pratica material d'essas communicações, sentiamos-nos perturbados maugrado nosso, e por vezes abalados em nossa razão nas suas relações com o espiritualismo que professavamos, porque nós eramos espiritualistas, e somol-o ainda, pelo menos aquelles que ainda vivem.

Estavamos convencidos de que a consciencia persiste, e que para além da morte o sér continúa. Mas temíamos, que respeitando as nossas convicções em si mesmas, acceitar com demasiada facilidade uma solução tão completa dos nossos sonhos. Se essas communicações entre mortos e vivos eram reaes, tudo estava dito; a persistencia indefinida do eu tomava-se por assim dizer tangível, irrefutável.

Mas quem nos provava que os taes Espiritos não vinham unicamente porque nós pensavamos n'elles, e que este estranho fenomeno não era simplesmente senão—o que, ainda assim, já não era pouca coisa—senão o proprio reflexo das nossas ideias?... Mas prosigamos. Estavamos com as mãos sobre a meza.

—Fala, disse um de nós. Tu vês as nossas duvidas, as nossas hesitações. Quem quer que és, ou o que quer que és, Espirito, intelligencia ou fenomeno, pois que tu falas e pensas, do que já não nos é possível duvidar, dize-nos alguma coisa de mais sensato e acertado em que possamos acreditar.

E n'um silencio impressionante—creio que sentiamos arrepios— a meza poz-se em movimento e, lentamente, como que com autoridade, dictou-nos estas palavras, que fomos escrevendo á medida que ella indicava as letras:

— O fenomeno resulta da associação das vossas almas entre si e com o Espirito da vida. A manifestação emana das forças humanas e da força universal. O Sér que vossas almas formam, durante o tempo, associadas com o Espirito de vida immaterial, ligado aos vossos sentimentos e sentimentos, não é mais do que a expressão da vossa solidariedade animica: verbo semi-divino, semi-humano; divino, quando as vossas almas estão em vibração harmonica com a ordem universal, isto é, com o bello, o verdadeiro o bom, o justo; humano, isto é, adulterado, quando as vossas almas não constituem uma unidade necessaria para vibrar harmonicamente.»

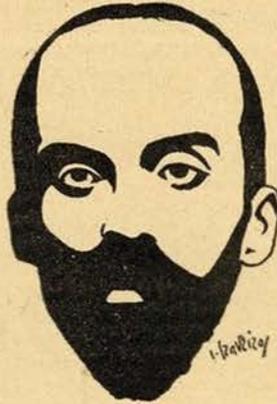
— Oh!... Ah! está alguma coisa de mais consideração que todo o resto. Se tomamos á letra essa associação com o Espirito da vida, a Intelligencia universal, digamos a palavra, com Deus, eis-nos na pendente da allucinação... Não o acreditamos.

Assim postos em guarda, de commum accordo, contra os desvios das nossas imaginações, bem estabelecido e devidamente constatado o nosso sangue frio, retomámos os estudos. A partir d'este momento, tudo o que se passou á minha vista e sob as minhas mãos foi por mim escrupulosamente escripto.

Salvo algumas intermittenças cuja causa nos pudesse escapar, nós estavamos por assim dizer identificados com o fenomeno e senhores d'elle. Esse velador que acabaramos por adoptar exclusivamente, respondia ás nossas perguntas, resolvia ás vezes com uma só palavra, clara, incisiva ou profunda, as nossas discussões mais embaraçosas ou confusas. Costumava elle manifestar o seu desejo de falar levantando-se sobre dois dos pés. Immediatamente nos callavamos, e, de lapis aprestado, cada um apontava, letra por letra, as palavras que elle nos dictava.

(Continúa).

Mascaras illustres



Professor Camara Pestana

GAZETILHA

Ferros curtos

Roga o abaixo assignado,
A' infallivel Santidade,
Para que seja alterado
Este almanach adoptado
Por gente da christandade.

Ha um dia de Finados,
Outro de Todos-os-Santos,
Mas, Deus perdoe meus peccados,
Ou são dois dias errados
Ou são errados meus 'spantos

Os santos são fallecidos
—Eis a causa do meu pasmio—
Logo, os dois dias refridos,
Não passam de repetidos
O que é grosso pleonasmio

Se todo o Santo é defunto,
E', portanto, bem grotesco,
Acho cá no meu besunto,
O fazer-se d'este assumpto
Uma especie de Pão Fresco

Sem rodeios nem disfarce,
Mesmo sem fazer alarde,
Julgo que um deve chrismar-se
Podendo o outro chamar-se
Dia de São Nunca á Tarde



O phantasma da Alameda

A minha Mãe



Conto de Maria Magdalena de Gondomar

(Continuação)

Gerrou os olhos, pendendo a cabeça desfallecida sobre as almofadas. Passados instantes, que foram para Luiz e Miquelina horas de anciedade dolorosa, a joven reabriu os olhos, dirigindo logo o olhar para Luiz e dizendo:

—Queria vêr meu pae — e voltou á mesma immobillidade.

—Vou fazer-lhe a vontade; vou telegraphar ao pae, em seu nome, minha senhora. Quando vem o medico?

—Não deve tardar, pois disse que voltava á noite novamente.

— Bem, venho já.

Meia hora depois estava de volta; ao entrar, defrontou-se com o medico, que fez um gesto de espanto ao vêr ali o visconde, de quem era amigo. Estendeu-lhe a mão, dizendo simplesmente:

—Comprehendo...

Luiz, vendo um amigo, lançou-se-lhe nos braços e as lagrimas rebentaram por fim... chorou... chorou muito...

—Então! visconde, coragem, talvez se salve; o abalo foi muito grande para o estado melindroso em que se encontrava, mas, no entanto, veremos.

—Salve-a, doutor, salve-a!...

—Farei tudo o que estiver ao alcance da sciencia; não desespere. Agora um conselho de amigo: quando chegar o coronel, o mais razoavel é não lhe apparecer, espere afastado o resultado do que vai passar-se. Aguarde o perdão, pois o coronel Albuquerque, é muito bondoso e nada vê no mundo alem de Magdalena.

—Acceito o seu conselho, doutor, mas até o coronel vir, não me afastarei do lado da minha noiva.

Ao começo da tarde do dia seguinte, chegava o velho coronel. Lia-se lhe no semblante sympathico e leal a mais funda anciedade.

Miquelina, veio recebe-lo:

— Senhor, por Deus lhe peço, que não suba ainda... oiça-me primeiro...

—Minha filha?... morreu?... exclamou o pobre pae, n'um grau de afflicção, impossivel de descrever e quasi correndo encaminhou-se para os aposentos de Magdalena.

No corredor, encontrou o medico, que de ha muito conhecia e estimava, pois sempre reconhecera n'elle um nobre character; este, embargou-lhe o passo, dizendo gravemente:

— Senhor coronel, o menor abalo moral pôde mata-la. Tenha a maxima prudencia, lembrese que a minima commoção, ser-lhe ha fatal.

—Mas, doutor... que tem minha filha?!

—Arme-se de toda a sua energia, para o que vai ouvir e perdoe a dois infelizes.

E levou brandamente o coronel para uma sala proxima, de onde sahiram passado uma hora: o doutor mais grave ainda, e o pobre ancião mudo de dôr... ia amparado ao braço do medico... envelhecera vinte annos, aquelle bravo das campanhas da Liberdade.

No limiar da porta do quarto da doente, o douctor retirou-se directamente, recomendando ainda:

— Não olvide as minhas prescrições e dê-lhe o linitivo do seu perdão.

O pobre pae, entrou, Magdalena ao vê-lo estendeu-lhe os braços, murmurando:

—Pae, meu bom pae!...

Coisas da America

O Club das Crianças

II

O Club pode ser frequentado por qualquer rapaz d'aquelle bairro que seja apresentado por seus paes. Acontece porem que, sendo avantajado o numero de socios e exiguas as dimensões da casa, era impossivel a esta conter no mesmo dia, ou antes na mesma noite, todos os rapazes associados. O Peixotto obviou a este inconveniente dividindo o Club em secções, a cada uma das quaes pertence um dia certo na semana para a reunião. Cada secção constitue um club especial e autonómo com titulo, bandeira e estatuto proprios e independentes das outras.

Ao domingo as portas estao abertas para todos os clubs: ha um pouco de aperto n'esses dias, mas para rapazes tudo vae bem.

Na sede, existem, alem de varias dependencias de menor importancia: Salão destinado ás assembleas, festas, cursos e conferencias, biblioteca, sala de jogos (xadrez, dominó, damas, gamão, gloria e assalto), gymnásio e sala de banhos. Peixotto e outras pessoas eruditas da cidade, que o ajudam n'esta santa cruzada, contam aos seus amiguinhos historias de viagens e anedoctas alternadamente de caracter sério e gracioso. Estabeleceram-se cursos de economia politica e de historia contemporanea para os *grandes*, explicando-se a estes tambem as diferentes Constituicoes dos paes civilizados. Estes alumnos são obrigados a ler todos os dias um jornal sério e de grande informacão e sobre o que leram a respeito do paiz de que se fala na lição, são obrigados a responder, orientacão esta que leva os rapazes a interessarem-se pelas coisas de politica geral.

No Club ha uma fanfarrá: toca-se Schumann, Schubert, Rubinstein etc, e os aplausos chovem liberalmente sobre os executantes nas grandes noites de concerto, prodigalisados por uma assistencia selecta e escolhida entre a melhor sociedade de S. Francisco.

O canto coral é estudado e ensaiado no *Boy's Club* com esmero particular e os rapazes percorrem, de vez em quando, diferentes cidades do estado da California, onde se fazem ouvir com especial agrado e muita atençao. E' quem mais pode, nas terras por onde passam, mimal-os e atulhal-os de bolos e outras gulodices.

No verão, o *Boy's Club* faz sempre uma excursão ao celebre valle de Yosemite, situado na Serra Nevada, a quarenta leguas de S. Francisco. Escusado será dizer que Peixotto acompanha sempre a caravana e que é sob a sua vigilancia que o passeio se faz.

Este valle é considerado em toda a União como uma Suissa Americana, abundando em cascatas magnificas, gargantas abruptas e selvagens, vegetação alta e luxuriante, um encanto emfim. E' para este pitoresco sitio que o Peixotto leva os rapazes e onde elles acampam durante

seis semanas, dormindo sob barracas de campanha e comendo as provisões de que fazem acompanhar-se. Assente o arraial começa a pleiade a esquadrinhar; nada escapa á observacão d'aquelles exploradores de quinze annos.

Vê-se tudo, mete-se o nariz em toda a parte, sobem-se os mais altos montes, descem-se os mais profundos valles, escorrega-se vertiginosamente pelas vertentes das serras, marinha-se ás arvores que, devastadas, ficam pedindo fructos ao anno seguinte, saltam-se lagóas, desanicham-se rapósas, serpentes, cobras, toupeiras etc. . . dansa-se, pula-se, brinca-se, come-se e por fim, ao artoecer, dorme-se regaladamente até a madrugada do dia seguinte, em que se recomeça o programa do dia anterior. Existem n'este valle, diz-se, as mais velhas, mais altas e mais grossas arvores do mundo e o Peixotto nunca deixa de mostrar ao seu exercito o mais precioso d'estes exemplares. E' a *Sequoia* que tem 29 metros de circumferencia, 9 e meio de diametro e 82 d'altura. E' tambem passeio obrigado passear em carro sob um tunel de 3 metros d'altura e 3 de largura, furado no tronco d'um d'estes gigantes das florestas americanas.

Está claro: nem tudo é brincadeiras no valle de Yosemite, ha horas destinadas para o estudo da fauna e da flora da região e preleções sobre orografia, hidrografia e mineralogia.

No club ha cursos manuaes diversos, as oficinas são em ponto pequeno, já se vê, em virtude da exiguidade da casa, no entretanto aprende-se desenho industrial, fabrico de escovas, obras de cesta e vime, escultura em madeira a ponta de canivete e composicão typographica. — Os professores são, quasi todos, antigos socios do Club, que conservaram amizade á instituicão. — Ao sabado ha *matches* de *foot-ball*, *base ball*, carreiras pedestres e saltos. — Os *Clubs* marcham para o campo dos esportes de fanfarrá a frente e bandeiras desfaldadas. — Os rapazes ajudados pelo Peixotto redigem e compõem um jornal de vinte paginas, intitulado *As horas infantis* (*Boy's Hour*) contendo relatos d'aventuras extraordinarias, anedoctas, actas das assembleas, notas sobre a vida academica e esportiva do Club, versos, desenhos, caricaturas e anuncios. A titulo de curiosidade reproduzimos um d'estes ultimos, que tivemos occasião de ler no *Boy's Hour*: «*Rapazes só em casa de F. é que deveis comprar bonbons. São feitos por mão de mulher e fabricados com creme puro e assucar natural: podeis portanto comer quantos quizerdes, que vos não farão mal.*»

Como este artigo vae longo, reservamo-nos para no seguinte numero apresentar aos leitores interessantes comunicacões sobre este jornal.

Epigramma

Felizardo professor
N'esta campá se enterrou,
Teve apenas uma dôr
Mas foi essa que o matou...

PÍRILUME



D'horrido aspecto e côr, a voz roufenha,
Négras roupagens, rôtas, ondulantes,
Cobrinha eburneas tibias tremulantes,
No meu caminho um vulto se desenha;

Passado o espanto mudo, alfim bradei
A' sombra: «quem és tu, visào terrivel?»
E ella, n'um murmúrio imperceptivel:
«Sou o mal? Sou o bem? Nem mêmso sei!»

KLÉTUS

SENHORA!

Que doce esperança me alegria,
Dês que sois a minha esperança,
Senhora da trança negra,
Senhora da negra trança.

Já conheço o vosso intuito
E vós o meu conheceis,
Embora me queiraes muito
Quero-vos mais que me qu'reis.

Já que se formou assim
Tão grande amor entre nós
«Squecei-vos tanto de mim
Como eu me esqueço de vós.

Palida irmã da violeta
Heis-de convencer-vos flor,
Que um terno amor de poeta
Não é um simples amor...

E' um canto d'alegria
Todo doirado de sol,
Como o amor da cotovia,
E o amor do rouxinol.

Não é uma c'róa d'abrólhos
O amor dos meus affectos...
E' a luz dos vossos olhos
Senhora dos olhos pretos!

ARTHUR C. D'OLIVEIRA

Condemnado... á morte

Ha, talvez, uma duzia d'annos estavam uma tarde conversando á porta da Havaneza, tres ou quatro frequentadores d'aquella conhecida tabacaria. O mais velho tinha 70 annos feitos e o mais novo passava dos 60.

Cavaqueavam serenamente, apesar do assumpto ser a politica que, já n'aquelle tempo, diziam estar fora dos preceitos constitucionaes, quando uma graciosa rapariga, esbelta e desembaraçada, dobrou a esquina da rua da Trindade.

O mais velho dos conversadores, que estava voltado para aquelle lado, não pôde conter-se e exclamou ao vel-a passar junto d'elle:

— E' muito interessante! Que lindos olhos!

A rapariga sorriu, seguindo o seu caminho, e um dos interlocutores observou:

— Parece impossivel! Na tua idade!...

— Tem graça a tua observação. Faz-me lembrar uma historia, absolutamente verdadeira, passada com uma prima minha, a condessa de...

— Conta lá.

— A condessa é muito rica e pode facilmente satisfazer todos os caprichos. Tem por isso várias manias e entre ellas a de ser possuidora das melhores parcelhas de eguas e cavallos que ha em Portugal.

Vive nas proximidades de Lisboa desde a primavera até á abertura de S. Car-

— Você quer vender o cavallo?

— Vender o cavallo? A quem?

— A' sr.^a condessa, minha patrão, que mora alli n'aquelle palacio.

— Mas para que quer ella o cavallo?

— Eu sei lá, nem me importa; quer você vende-lo ou não?

— Vendo; isso é questão de dinheiro.

Se ella me dá 20 moedas por elle.

— 20 moedas?!... Você está doido.

— Talvez, mas o cavallo faz-me falta e não o vendo por menos.

— Mas a sr.^a não me dirá para que quer o cavallo?

— Vocemecê tem vontade de saber?

— Lá isso é que tenho.

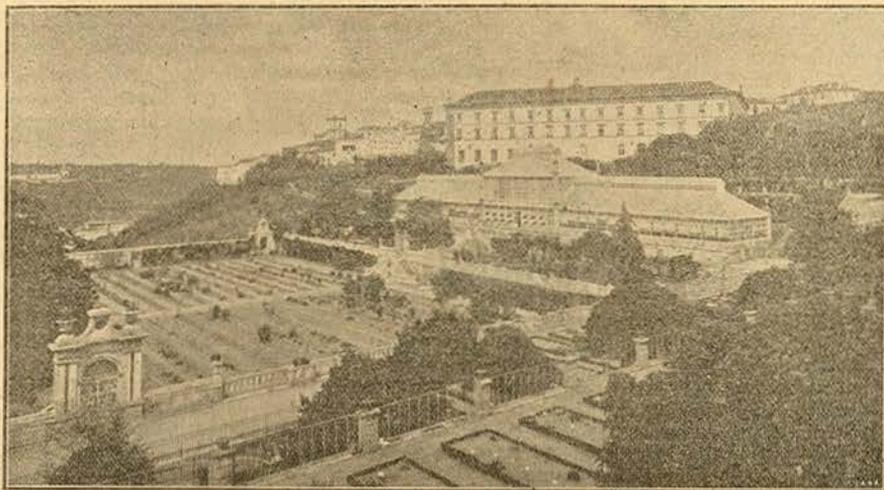
— Pois eu lhe digo. O seu cavallo é completo, não é verdade?

— Não ha duvida nenhuma.

— Pois passou ao lado da mais bonita egua que tem visto e não rinchou... Vou manda-lo para o guano.

JOÃO PACIFICO.

Portugal pittoresco



JARDIM BOTANICO — COIMBRA

los, n'uma bella propriedade. O palacete tem janellas para a estrada e, como casa antiga que é, ainda lá tem as argolas a que se prende o gado para a limpeza. Conserva esta velharia e entretém-se muito em ver os creados tratando dos animaes.

Uma tarde estava presa ás argolas uma lindissima parrelha d'eguas; eram dois animaes irreprehensíveis, delicados, nervosos, o que ha de melhor.

Passou um saloio montado no seu cavallito e seguiram serenamente os dois transeuntes sem um olhar, sem um gesto, sem a minima indicação do que viam no caminho.

A condessa acompanhou alguns instantes com o olhar, cavallo e cavalleiro, depois exclamou de repente:

— O' Joaquim?

— Sr.^a Condessa, respondeu da rua o moço da cavallariça.

— Vae perguntar áquelle saloio se quer vender o cavallo.

O Joaquim admirado, hesitou um momento, mas conhecedor das excentricidades da patrão partiu a correr, gritando:

— O' tiosinho, pare lá. O saloio vendo que era com elle parou e esperou os acontecimentos.

O Joaquim apenas se lhe approximou disse-lhe:

— Bem, venha comigo que eu vou dizer á sr.^a condessa.

O saloio voltou para traz e o Joaquim foi dizer á patrão que o saloio não vendia o cavallo, que não prestava para nada, por menos de 20 moedas.

— Bem, disse a condessa, mete-o lá para a cavallariça e o homem que venha buscar o dinheiro.

O saloio quando o creado lhe disse que a condessa dava as 20 moedas pelo cavallique ficou de bocca aberta e com ares de incredulo.

— Ora essa! Então a sr.^a dá 20 moedas pelo cavallo?!

— Dá, sim; vá lá recebe-las.

— Mas para que quer a senhora o cavallo?

— Pergunte-lh'o.

— Isso é que eu pergunto.

E subindo a escada, dava voltas ao barrete e sentia-se arrependido de não ter pedido 40 moedas pois certamente lh'as teriam dado.

A condessa viera até ao patamar da escada que o saloio subiu um tanto comprometido.

— Aqui tem as 20 moedas, homemsinho. O cavallo é caro, mas emfim... como não o vende por menos...

O saloio contou o dinheiro parecendo-lhe ainda sonho o que se passava e disse:

Mães

(Poesia escripta para o album commemorativo da catastrophe do *Aquidaban*, offerecido ao presidente da Republica do Brazil, em Março de 1906).

O' pobres mães, chorando, enternecidas,
Os vossos fillos mortos lá no mar,
Victimas tão queridas,
Que nunca mais vereis de volta ao lar;

A minha mãe sentiu a vossa mágia,
A mágia immensa que vos entenece,
Os olhos razos de agua,
Como se fóra eu proprio que morresse!

E a minha patria, ó Terra Brasileira,
Que és mãe tambem, chorando de amargura
Bem triste e verdadeira,
Aquelles que morreram, sem ventura;

Na mesma dôr que te commove agora,
— Tantas vidas perdidas, Santo Deus! —
Tambem contigo chóra,
Como se os mortos fossem fillos seus!

(Inédito)

JULIO BAPTISTA RIPADO

PALESTRAS

I

Sendo a saúde o elemento essencial para o bem-estar do individuo, não deverá ella tornar-se objecto da maxima attenção?

Sem duvida, visto que, a considerar-se cada ser racional como a mais infima particula em que pôde decompôr-se esse todo a que chamam humanidade, esta será tanto mais perfeita, quanto mais perfectos forem os seus componentes.

Dizer que a esse bem estar bastam as loções com agua fria, immersões diarias, simples pédi ou mandiluvios, equivale a afirmar que o problema social se resolve a contento em logares onde a agua é abundante e... barata.

Que de restricções a oppôr a esta asserção! de quantos sabemos que proclamam um accêto inexcêdível, tendo a desmascara-los a caspa, caída qual maná, na deserta gola do casaco...

A arte de conservar a saúde, expressa pela palavra hygiene, não deve tão só referir-se ao agrupar de condições que transformem o meio ambiente, n'um *habitat* confortavel para que n'elle vivam e medrem os entes que á sua superficie se agitam e multiplicam.

Ao homem compete alguma coisa mais, que tratar do corpo. Se é certo que a este deve dedicar algumas horas, tambem é certo que se torna mister desannexar do espirito crendices que o fanatisem ou praticas que o corrompam.

Acaso não é um estado doentio, o do ignorante?

Procuremos demonstrar a affirmativa:

Ao alto deste intrincado machinismo, que constitue o corpo humano, exteriorisa-se uma formação que, apoiada pela base no pescoço, recebe o nome de craneo. Encerra este o mais delicado orgão que ao homem é licito possuir, mercê do seu maior volume e mais complexas funcções. A elle e porque só d'elle nos queremos occupar, chegam as impressões do mundo exterior, para d'ahi serem transmittidas ás areas organicas. Recebidas essas impressões, o cerebro elabora e transforma-as, para as transmittir depois sob forma util, quando educado.

De contrario que vae produzir? Inapto, por falta d'um treino moderado, a elaborar qualquer raciocinio por insignificante que seja, atrophia-se. Como pallido reflexo, vemos o portador d'uma tal prenda, bestialisar-se. Não o eduquemos, o mal aggravar-se-ha.

A cada passo, encontramos individualidades a quem o desconhecer das coisas mais rudimentares, cria um estado de indiferença por tudo quanto a cerca. De indifferentes não tardam a tornar-se desconfiadas e da desconfiança á malquerença vae um passo. Então, eis o homem metamorphoseado n'um ente vil, abjecto, capaz de todos os crimes, reunindo em si todos os vicios—estes são para elle e em taes circumstancias, uma distracção—confirmando o aphorismo: a ignorancia

é o caminho do vicio e corrupção. Descurar a educação d'um cerebro é postergar-lhe as funcções, torna-lo anormal, atrophiano o. Se se atrophia, adoece.

Julgur normaes os cerebros incompatíveis com a faculdade pensante inherente a qualquer ser, affigura-se-nos de mau augurio para a evolução d'um povo que se proponha acompanhar os progressos da civilização.

Uma tal normalidade, apenas pôde sorrir aos retrogrados, ou áquelles que á sombra da ignorancia dos que os rodeiam, pretendam elevar-se ao pincaro d'uma gloria precocemente concebida, á face do adagio:

«Em terra de cegos, quem tem um olho, é rei...»

JORZE

YINHEITA

A neve cahe cobrindo as cerejeiras
Como alvos flôcos d'algodão em rama,
Cegonhas voam pelo azul ligeiras,
Saltitam soccos por Yokoama

Paysagem linda, fresca, immaculada,
Nas campinas cobertas pela neve
Os jasmmeiros nascem n'uma estrada
E nas casas floresce o riso breve.

Os kimonos bordados, perpassando
E saltitando, e rindo nos bazares
Enchem de vida as ruas de Tokio.

Danças «güechas» nos cafés em bando
Perpassam azas pelo azul dos ares
E mais cegonhas voam sobre um rio.

Lisboa - 27 - 9 - 907.

MENEZES FERREIRA.

Miserias!...

Não tenho sorte! é coisa que não ha-de,
Em tempo algum, soffrer contestação.
Pois que jamais, de meu, tive um tostão
Embora ao vil metal tenha amizade.

Eu cá, não sei o que é felicidade,
Nunca tal coisa poudé haver á mão.
Se no que affirmo tenho ou não razão,
Avaliae por aqui, que é verdade:

—Legado d'uma herança (por engano)
Sou dono d'um capote ha mais d'um anno,
E o seguinte se dá, que me pôe grego:

Quando aperta o calor, que tudo abraça,
E não preciso d'elle, tenho-o em casa,
Mas se faz frio, então tenho-o no prégo!...

SOARES JUNIOR

Do livro *Coisas do nosso burgo*
a entrarno prelo.

CURIOSIDADES

Dizem que foram os Egypcios os primeiros homens que tocaram rabeca. Encontrou-se um violino em um tumulo que data de 3000 annos antes de Christo.

Em uma sepultura perto do Nilo, e que se suppõe ter mais de 1.000 annos, foi achada uma flauta feita d'um fêmur de carneiro.

A Nossa Estante

Alma viuva, versos por José Cordeiro.

Por mais que os rabiscadôres gaulêses nos atirem á cara com o seu estribilho de opera burlesca:

Les portugais sont toujours gais
eu teimo em crêr que a alma portugüesa é fundamentalmente triste.

Dêsde o melancolico *fado* e plangentes canções da Beira Alta até á precissão de lisboetas, ao domingo, na Avenida, existe uma escala de tristesa, cortada aqui ou acolá por uma gargalhada fria, palida, e principalmente efêmera. — Não é porem esta tristesa que nos caracteriza por quanto ha mais países onde o mêmso se dá; o que marca o feito lusitano, é a necessidade de *desabafar*, participar ao proximo a nossa dôr, a causa della e, obrigando-o a senti-la em parte, pedir-lhe consolações. Esse desideratum conseguimos lo quasi sempre, o quz prova que, alem de sérmos tristes sômos bons.

José Cordeiro, poeta de raça, talento superior, delicado e simples no modo de escrevêr, profundo na essencia e nos concetos, soffrendo um profundo golpe que enlutou a sua bêla e generosa alma e, não podendo fugir á lei geral, vem na sua *Alma Viuva*, provar nos, desculpendo-lhe alguns erros de metrificação, que é um grande poeta, mostrar-nos os thesouros inesgotaveis de sentimentalidade que existem no seu espirito e ao mêmso tempo pedir-nos, sem talvez têr dado por isso, que sofrámos com elle a sua dôr que julga eterna. Séja assim! Amigo que não têmos a honra de conhecêr pessoalmente mas que possues no sentir e no soffrêr uma alma gemêa da nossa, sirva de lenitino ás tuas pênas sabêr que, ao escrevêr estas linhas, chorámos contigo a mágua do teu dilacerado coração e fazêmos votos para que o tempo, o grande medico, vá pouco a pouco cicatrizando as chagas de teu peito. Então varrida a nêgra bruma da desdita, vendo brihar outra vez a luz da esperança no horizonte da tua vida, renascerás diversamente orientado para a *Grande Arte* e a pujança máscula das tuas bêlas faculdades de poeta e de filósofo farão de ti um dos mais sublimes ornamentos da literatura patria.

Do livro do mimoso poeta transcrevêmos as seguintes poesias, onde, como o leitôr verá, elle poz tôda a sua alma.

SUSPIROS

Eu quizera que tu, em mim pensando,
Cheia de convicção, a sós comigo,
Assim dissêsses n'um suspiro brando:
Elle é tão meu amigo!

E que logo a seguir tu continuasses,
N'outro suspiro immediato áquelle,
A mesma intima fala e assim pensasses:
Eu gosto tanto d'elle!

Não podemos, afinal,
Ter confiança no bem, —
Que o bem é sempre fatal!

Quem o espera não o tem;
Ou o vê tornado em mal,
Quando acaso ás mãos lhe vem...

Como isto é triste, afinal!

Livro de dór, por Carlos Cilia de Lemos — Devido á falta de espaço com que luctamos, só no proximo numero poderemos dar a nossa insignificante opinião.

Pensamentos

A grandesa das acções mede-se pela inspiração que as faz nascer.

PASTEUR.

As leis são como as teias d'aranha: se cae n'ellas uma pedra, rompe-as; se cae uma mosca paga o seu descuido ou atrevimento.

PADRE MANUEL BERNARDES.

O unico crime que Deus não perdoa é o suicidio, porque não dá lugar a remorsos.

SHAKESPEARE.

SONETILHO

Senhora! Perdão se digo
o que dizer-vos não devo;
mas vós sois o meu enlevo
e enlevar-vos não consigo.

Toda a vida — Que castigo! —
nem sei a vida que levo;
se a bem dizer-vos me atrevo
os vossos desdens maldigo.

Já me vence o desalento
do vivo desalentado
e do vosso despreendimento.

Quanto melhor me não fôra
que eu nunca tivesse olhado
p'ra os vossos olhos, Senhora!

18 - 10 - 07 —

H. Bacellar

Cumulos

Coser uma bebedeira a pontos naturais.

Tirar uma creança a ferros de palmo.

Torcer um pé de vento.

Tirar dentes a uma bocca de scena.

Vêr-se cégo.

Tocar n'um concerto de botas.

Disparar uma peça de panno.

Fr. Thomaz

Prégava aos crentes um frade
Condemnando os beberões,
E, de manhã té á noite,
Bebia uns tres garrafões.

Um freguez, que o conhecia
Como *esponja* e das maiores,
Rosnava por entre dentes:
— Para santo, és dos piores!

J. P.

A pedido do auctor repetimos hoje o soneto *Triste canção* publicado com ligeiras alterações com as quaes o poeta não concordou, mas que foram feitas por motivos que os entendidos facilmente encontram.

TRISTE CANÇÃO

Em redor da casinha onde nasceste,
O povo pesaroso, reunio
Mal que de bocca, atroz, partio
A noticia fatal de que morreste.

Sobre a linda mortalha azul celeste
Que tua mãe, chorando, te vestio,
O povo, lamentando-te, aspergio
Pet'las de perfumada flor agreste.

Encorporou-se no funebre cortejo
O pranto, a dór commum e o lampejo
D'um já fraco, mas lindo raio de sol

E como que chorando melodias,
Ao som lento das trez Ave-Marias,
Cantava, na balseira, o rouxinol.

RAMIRO MONTES PINTO.



Um admirador da livre critica escreveu-nos uma extensa carta elogiando a nossa attitude e promettendo guiar-se pelo nosso jornal antes de fazer tilintar os seus cobres nas gavetas dos empregarios. Muito obrigado.

Applauda a defeza dos novos artistas e diz-nos com ingennidade que temos experiencia do que se passa de palcos a dentro. Ora se temos!

Basta transcreevermos lhe este artigoelho que em tempo publicámos em *Os Sports*:

Resolve-se dentro d'um palco tudo que ha de mais heterogeneo. Do panno de bocca para dentro levanta-se o verdadeiro palacio do *Antagonismo*. Paixões bravas, ingenuidades infantis, ambições desmedidas, aqui a flor da esperanca desabrochando com toda a vehemencia da seiva da mocidade e do talento, além milhares de illusões perdidas no alteroso mar da vida; miseria amassada com odios por largo tempo comprimidos, invejas tórpes, calumnias vis, ovações e applausos mais falsos ás vezes que os ouropéis de que se revestem os artistas; milhões de abraços dos collegas com a percentagem de um por cento de sinceridade; beijos que varam como tiros de revolver; bellezas de zarcão cobrindo pestilencias varias, mulheres que se vendem a si em quanto valem e que no occaso da mocidade passam a vender as outras por odio, por inveja ou por interesse. Eis o Pandemonio theatral, o inferno do bastidor, onde, valha a verdade, tambem passeia e se agita muita gente boa, muita gente honesta, muita gente honrada.

Afinal, pensando bem, cá fóra, no mundo, na sociedade, passa-se exatamente a mesma coisa. Ou o theatro não fosse a comedia da vida, o espelho da sociedade. N'esse kaleidoscopio admiravel do mundo theatral, quantas scenas variadas e interessantes, repellentes estas, ridiculas aquellas, todas porém compungentes, e girando sempre sobre um unico fulcro: a profunda, a enorme, a immensa, a incommensuravel *miseria humana*.

O theatro, por dentro, é todo elle uma coisa

muito especial, mas, n'essa onda cahotica, o que ha de mais caracteristico é o *cheiro*. E' inconfundivel e por mais que se procure não se encontra em qualquer outra parte. E, vejam como tudo é falso de bastidores a dentro, esse aroma suffocante, acre e detestavel, mixto de pó, colla, tinta, oxido de carbonio, consciencias avariadas, parece ao moço inexperiente e candido que entra pela primeira vez n'um palco, um perfume sublime, que o enebria e estonteia, que se lhe infiltra nas veias e no espirito, envenenando-o como envenenava a Borgia, n'uma taça de licór espumante, u'uma rosa, n'um beijo.

A respeito de theatro não dissemos talvez uma palavra que o leitor não conheça já. Mas se o quadro é tão negro e triste, emoldurado em odios e desesperos, porque attrahe de tal maneira? Para que ha tanto e tão immoderado anseio em pisar esse pó, que segundo a espirituosa phrase de Labiche «tira a vergonha aos homens e saca a honra ás mulheres»? Que attracção poderosa tem esse abysmo temeroso, esse polvo gigantesco que envolve, abraça, aperta e suga o desgraçado que teve a desventura de se lhe approximarem? E' um iman titanico que prende e segura por toda a vida; é a ambição de gloria que se antolha ao principiante, mais facil de obter n'esta, do que em qualquer outra profissão, ambição que todos temem, gloria, com que todos sonham, que poucos entreveem e que pouquissimos logram conquistar.

E n'essa pugna terrmenta, ignota e despercebida do grande publico, passada no interior da scena, como rixa de elementos nas entranhas da terra, quantas vocações sublimes e verdadeiras ficam vencidas pela mão traidora e potente da inveja, com o bello azul das suas veias puras e divinas, desmaiado ante o clarão sinistro da hypocrisia. Fugir, fugir, escapar á chamma que lhe lambe os pés e a alma: é tarde, o corpo está indissolovelmente ligado ao poste e o espirito á podridão. Debalde o condemnado implora constricto o perdão do crime de ter talento, que inquisidores austeros, ócos de merecimentos e repletos de perfidia, babam sarcasmos sobre a vittima e mandam atear o fogo.

Olá! gentes de boa vontade, que assististes a este auto de fé, olhae essas cinzas que o vento da mediocridade dissipará em breve, meditaes, antes de enveredardes pelo caminho da vida, que a senda a trilhar é a da adulação e da subservencia, não procureis chegar ao togo sagrado que os deuses do Olympo conservam e alimentam no céu de papelão pintado sem que tenhais á mão a escada de ouro sustentada pela *gajeta da livre critica, pelo banqueiro cofre ás ordens, pelo alto politico, pela tyranna vontade da D. Cubicada*

ROMANOL

Semana Alegre

— A que horas está o pão cosido?
— O Sr. enganase, aqui é uma loja de calçado.
— Queira desculpar, julguei que era um forno... como *ha sapatos*

— Quando chegar o carteiro, abre a porta e a janella que lhe está em frente.

— Para quê?

— Para augmentar a correspondencia

VARIEDADES

Pudim de bacalhau

Deita-se 1/2 kilo de bacalhau de molho, durante 24 horas, cose-se bem, despélla-se e tira-se lhe as espinhas. Faz-se coser novamente em 4 decilitros de leite e quando estiver enxuto, mistura-se-lhe pão ralado q. b. e um pouco de queijo parmesão.

Tem-se refugado cebola, tomate e um dente de alho em bom azeite e manteiga de vacca. Passa-se pelo passador, junta-se-lhe o bacalhau temperando-se tudo com salsa picada e pimenta, cravo, mostarda inglesa, noz moscada, louro, uma colher de manteiga fresca ou lavada e quatro ovos batidos.

Põe-se isto n'uma folha untada com manteiga, deitam-se por cima ao de leve dois ovos bem batidos, salpica-se com queijo parmesão e mette-se immediatamente destapado no forno.

**Decifradores**

Do n.º 5

Em concurso — Manuel de Sousa (16), Mariano Ribeiro (15), Litras (15), Augusto Carvalho (13), Sado (12).

Decifrações do numero antecedente

Epitase — Sápala — Mabella — Contra-fé — Diastase — Saias — Pateta, pata — Alvares, Viçeu, Lousã, Gollegã, Aljezur, Tojal, Evora, Boassas — Amor — Assobio — Do prato a bocca se perde a sópa — Bolha, bolho.

Logogriphos

Um pequenito bréjeiro — 6,1,4,9,3,9.
Ao pae pediu um tostão,
E foi gasta-lo, ligeiro,
A' feira de S. João.

Ao pae muito agradecido — 6,4,1,3,9
Se confessou, ao voltar,
Pra sempre reconhecido
Lhe jurou que ia ficar;

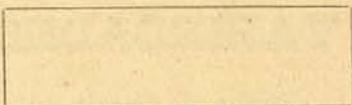
Pois o modesto tostão,
Que o pae lhe tinha dado,
Chegou-lhe p'ra a reinação
Quatro horas e um bocádo.

Elle andou no *carrousel*
Ouviu cantigas famosas, — 8,9,5,2.
Comprou um vintem de mel,
E, por dez reis, duas rosas.

Viu a mulher do cavallo, — 2,5,4,7.
Viu um gigante e um anão,
Viu um boi com pés de gallo,
Tudo isto por um tostão!

Foi uma tarde de festa
Que elle passou! foi famosa;
Mas agora só lhe resta
A planta leguminosa

J. L. P. F.

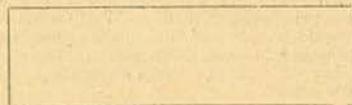
**Rapido**

Um dos lados
1, 2, 3

Freguezia

Cidade
4, 5, 6

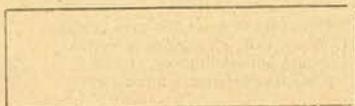
J. F.

**Charadas**

Tenho o feitio d'uma cobra
Quem me tocar estremece — 3
Então por quem é, engula,
Se se demora arrefece. — 2

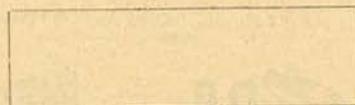
O que eu sou poucos o sabem,
Quem o sabe não o diz;
Sou um bicho venenoso
Nascido lá p'ros Brazis.

J. P.

**Novissima**

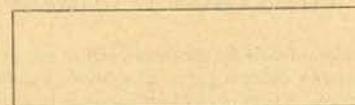
A madeira suspende o bouquet de flores-2-1.

SADO

**Em phrase**

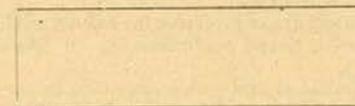
Este instrumento e esta vasilha sulca os mares-1-2.

A BRANDO

**Electrica**

A's direitas um verbo, e ás avessas na arvore-2.

A. BRANDO

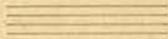
**Transposta**

O verniz está no theatro-2.

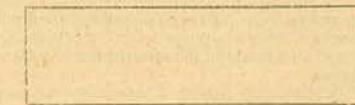
E. RAMOS

**Enygmas****Typographicos**

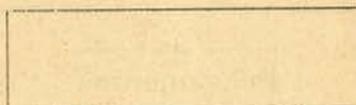
CO



J. L.

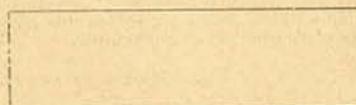
LIZ
PE

J. AVLIS



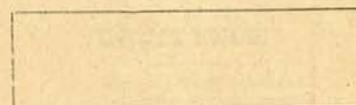
CEGO

P. J.



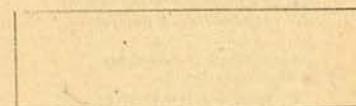
LA DO ÇA

A. F.

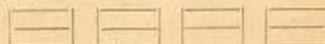


LLLL •

J. F.

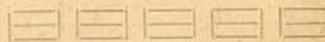
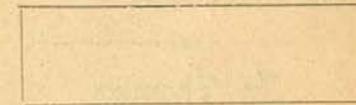
**Por iniciaes**A D É M D S
I 5 I I I 4

A. R.

**De palitos**

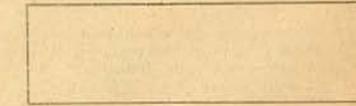
Tirando 7 palitos é adubo.

P. Q.



Tirando 8 palitos fica uma freguezia.

A. P.



Artigos a decifrar, 15.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO
COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

Grandes Armazens do Globo Vermelho

DE
José Augusto Ventura

Especialidade em tecidos lisos e de phantasia em lã e algodão para vestidos. Sedas, Mantilhas, Espartilhos, Sombrinhas, Leques, Lençaria de seda e de lã, Chales, Meias e Piugas em seda e algodão, Malhas, Cobertores e diversos artigos de abafo, em phantasia e lise. Zephires e Panamás.

Camisas, Ceroulas, Punhos e Collarinho. Sobretudos, Varinos e Capas á cavallaria.

Secções de Mercador, Alfayateria, Camisaria, Fanqueiro, Modas e Confecções.

Secção especial de artigos para luto.

Fornecedores da Caixa de Soccorros dos Empregados da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

ALFAYATERIA DO GLOBO VERMELHO
Rua dos Fanqueiros, 209 a 213
LISBOA

AOS EMPREZARIOS

DE
CASAS DE ESPECTACULOS

No Salão Recreio do Povo trabalha uma esplendida machina Gaumont, o proprietario da mesma tambem vende fitas novas e usadas assim como tem projector annunciador que aluga.

Montagem de animatographos tanto em Lisboa como fóra.

Dirigir-se a

Archimedes Silva

Rua Silva e Albuquerque

SALÃO RECREIO DO POVO

LISBOA

FAZER UMA VISITA
Á
Ménagère de Lisboa

é ficar certo de haver encontrado reunido tudo o que se precisa de **util e necessario, bom e barato.**

Para ter uma habitação confortavel, hygienica e commoda o seu proprietario **J. Lino** convida todas as boas donas de casa a visitarem a

Ménagère de Lisboa

sempre e antes de entrarem em qualquer outro **estabelecimento.**

35, Rua do Caes do Tojo, 35

(AO CONDE BARÃO)

Distante do Rocio 5 minutos e 20 rs. de transporte

TELEPHONE 97

A LIBERAL

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietarios

Palermo de Faria & C.^{ta}

Trabalhos typographicos em todos os generos

Rua de S. Paulo, 216

LISBOA

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

FADO

Helena Rolin Geraldés Barba.

PIANO

Largo

p

f

ff

pp

acc.

rit.

Alc. & ale. R.

NO PROXIMO NUMERO:

"LE CHANT D'AMOUR" Valsa per JOAQUIM PEDRO DOS SANTOS

J. 101 FH